

PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PESCADORES DE CAMARÃO-SETE-BARBAS (*Xiphopenaeus kroyeri*) DA PRAIA DO PEREQUÊ, GUARUJÁ (SP)

Karla Marques SOUZA ¹; Carlos Alberto ARFELLI ²; Roberto da GRAÇA LOPES ²

RESUMO

No litoral Sudeste e parte do litoral Sul do Brasil a captura do camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) apresenta grande relevância social e econômica. Neste artigo caracterizou-se o perfil socioeconômico de integrantes da comunidade pesqueira da Praia do Perequê, Guarujá (SP), realizando 35 entrevistas com pescadores de camarão-sete-barbas entre outubro de 2006 e dezembro de 2007. Os resultados revelaram que os pescadores entrevistados tinham, em média, 42 anos e eram naturais de pelo menos cinco estados (principalmente Santa Catarina - 45% e São Paulo - 37%), 50% deles possuíam mais de 25 anos de experiência na pesca e 76% tinham o Ensino Fundamental incompleto. Constatou-se que 88% possuíam casa própria, 15% dispunham de veículo motorizado, 59% tinham a atividade pesqueira como única fonte de renda, 94% aproveitavam a fauna acompanhante e 23% possuíam filhos também atuando na captura do camarão-sete-barbas. Os principais problemas observados foram a precária infraestrutura de moradia e pesca, a baixa escolaridade e a baixa rentabilidade das pescarias, fato este que realimenta e perpetua os demais problemas. É necessário que existam profissionais da área de extensão atuando no suporte à sustentabilidade da pesca dirigida ao camarão-sete-barbas na região Perequê e promovendo a valorização do pescador tradicional por meio de ações participativas, com envolvimento de toda a cadeia produtiva.

Palavras-chave: *Xiphopenaeus kroyeri*; camarão-sete-barbas; pesca de pequeno porte; pesca camaroeira; pescadores; Perequê

SOCIOECONOMIC PROFILE OF SEABOB SHRIMP (*Xiphopenaeus kroyeri*) FISHERMEN OF PEREQUÊ BEACH, GUARUJÁ (SP)

ABSTRACT

In the Southeastern and part of Southern Brazil, the catch of sea-bob shrimp (*Xiphopenaeus kroyeri*) presents high social and economic relevance. This work described the socioeconomic profile of the fishing community of Perequê, Guarujá (SP). Interviews were applied to 35 sea-bob shrimp fishermen from October 2006 to December 2007. The results indicated that the fishermen interviewed had an average of 42 years old, were born, at least, in five states (mainly Santa Catarina - 45% and São Paulo - 37%), 50% had more than 25 years of fishery experience and 76% had uncompleted elementary school. It was observed that 88% were homeowners, 15% had vehicle, 59% had the fishery as the only profit, 94% used the bycatch and 23% interviewed had sons in this fishing activity. The main problems are the low standard of living and low levels of fishery structure, fishery profit and school degree. These facts contributed to keep the other problems unsolved. A fishery extension professional is necessary to work in the sustainable sea-bob shrimp fishery in Perequê, valuing fishermen by integrated actions involving the entire productive chamber.

Key words: *Xiphopenaeus kroyeri*; sea-bob-shrimp; small scale fishery; shrimp fishery; fishermen; Perequê

Artigo Científico: Recebido em: 04/05/2009 – Aprovado em: 20/01/2010

¹ Mestranda - Programa de Pós-graduação em Aquicultura e Pesca do Instituto de Pesca. e-mail: karla_marques@ymail.com

² Pesquisador Científico do Centro APTA do Pescado Marinho - Instituto de Pesca – APTA – SAA

Endereço/Address: Av. Bartholomeu de Gusmão, 192 - CEP: 11030-906 - Santos - SP - Brasil

INTRODUÇÃO

O camarão-sete-barbas apresenta grande relevância social e econômica em razão do volume desembarcado, da quantidade de embarcações envolvidas e por ser uma espécie de águas rasas, acessível à pesca de pequena escala (com embarcações de pequeno porte) (GRAÇA LOPES *et al.*, 2007). No entanto, com o acentuado declínio do rendimento da pesca dirigida a essa espécie nos litorais Sudeste e Sul do Brasil (D'INCAO *et al.*, 2002), existe a necessidade da adoção de medidas para ordenamento dessa pescaria. Segundo MEDEIROS *et al.* (1997), a falta de informações a respeito das comunidades pesqueiras dificulta consideravelmente o estabelecimento de uma efetiva política pública de ordenamento da atividade. Além das informações sobre a comunidade pesqueira, faz-se necessário conhecer melhor esses pescadores para que a política pública também atenda as suas necessidades.

Com este estudo, ao se caracterizar o perfil socioeconômico da comunidade de pescadores de camarão-sete-barbas do Perequê, Guarujá (SP), espera-se contribuir para a correta estruturação de políticas públicas que envolvam esse tipo de profissional e os recursos que capturam.

Área de estudo

A pesquisa foi realizada junto à comunidade de pescadores que atuam na frota camaroeira de pequena escala (também denominada artesanal), sediada na praia do Perequê (23°56'S - 46°10'W), dirigida à pesca de camarão-sete-barbas. Essa praia possui 2.400 m de extensão e situa-se a leste da cidade do Guarujá (SP), distante aproximadamente 13 km do centro.

Essa comunidade, constituída por poucos caiçaras¹ remanescentes e por migrantes, convive com diversos problemas sócioambientais.

MATERIAL E MÉTODOS

Para obtenção das informações foram realizadas entrevistas, constituídas por questões fechadas (com alternativas) e abertas (MINAYO 2004), com a finalidade de possibilitar análises quantitativas

(questões fechadas) e também de permitir ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto, sem condições prefixadas pelo pesquisador (questões abertas), sendo que o questionário (Anexo 1) baseou-se em trabalho anterior com pescadores dessa comunidade (SOUZA, 2005). Foram abordadas questões relacionadas a aspectos socioeconômicos do pescador, à atividade pesqueira e ao gerenciamento do recurso.

Entre outubro de 2006 e dezembro de 2007, entrevistaram-se 35 pescadores de camarão-sete-barbas, representando 11% de um total de 314 pescadores sediados no Perequê (número fornecido pela representante da Capatazia do Perequê, Sra. Iris R. Pedrosa, em entrevista realizada em 20/06/2007). Total que inclui também a pequena parcela de pescadores locais que não têm o sete-barbas como alvo das capturas.

Em razão da impossibilidade de se identificar de imediato os pescadores que atuavam especificamente sobre o sete-barbas, a abordagem foi feita pelo método "bola de neve" (snow-ball) (BAILEY, 1982), onde pessoas da comunidade que conheciam o assunto apontaram os pescadores, sendo que após as entrevistas solicitava-se que estes indicassem outros pescadores de camarão.

As respostas foram transformadas em tabelas e gráficos, e analisadas por meio de estatística descritiva básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Condições de habitação e transporte

O bairro do Perequê era dividido em áreas particulares e áreas de Marinha. Entretanto, a maioria dessas áreas era ocupada por moradores que possuíam apenas, e nem sempre, a posse da sua terra, sendo que parte do manguezal encontrava-se ocupado por casas em palafitas (GONNOT *et al.* 2006).

A análise dos dados indica que 88% dos pescadores entrevistados possuíam casa própria, sendo 59% de madeira e 41% de alvenaria, situadas junto à desembocadura do Rio do Peixe, em frente à parte da praia utilizada como ancoradouro para suas embarcações e próximo das barracas de venda de camarão e peixe para turistas e dos restaurantes de frutos-do-mar. Uma

¹ Caiçara é uma palavra de origem tupi que refere-se a todos os indivíduos e comunidades de pescadores do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (DIEGUES, 1988).

das causas para construírem as casas em madeira pode ser o baixo retorno financeiro obtido com a pesca, porém, a causa mais comum é não disporem de escritura dos imóveis, evitando assim investir na construção em alvenaria.

Apesar da aparente precariedade das habitações, na maior parte delas, ou mesmo na totalidade, havia os bens materiais tradicionais, como televisão (100%) e rádio (96%), por serem as principais formas de entretenimento e de acesso a informações para os pescadores, que, na sua maioria, não costumam sair do bairro. O item geladeira não foi questionado, contudo, 33% dos pescadores disseram possuir esse eletrodoméstico e 70% deles, máquina de lavar (Figura 1).

WALTER (2000), em trabalho sobre pesca artesanal no Lago Paranoá, Brasília (DF), também encontrou alta incidência de pescadores com televisão (91,6%) e aparelho de som (84,4%) e comenta: “embora a posse de bens domésticos esteja associada à renda, a aquisição de alguns deles tornou-se necessária devido ao seu grau de essencialidade, independentemente da posição social do pescador”.

Entre os entrevistados, 15% dispunham de veículo motorizado próprio para transporte, situação não muito relevante para muitos pescadores, pois não se afastam muito do bairro. Entre os que possuíam veículo motorizado havia donos de salga e de embarcação, sendo o veículo, em alguns casos, para uso comercial. Todos os pescadores proprietários de veículo motorizado possuíam casa própria e embarcação, o que indica uma melhor condição financeira em relação aos demais entrevistados.

Idade e envolvimento familiar na pesca

A moda de idade foi 46 anos e a média, 42 anos (desvio padrão de $\pm 10,2$), próxima à citada por MEDEIROS (2002), que encontrou idade média de 40 anos para pescadores do Pântano do Sul (SC). As informações de idade, agrupadas em classes de 10 anos, mostraram a maioria dos pescadores nas faixas etárias 36 - 45 e 46 - 55 anos (34% em cada uma delas). SANTOS *et al.* (1995) citam que dos pescadores que atuavam na pesca continental do Estado de São Paulo, 29% encontravam-se na faixa etária 36 - 45 anos, valor próximo ao observado no Perequê (Figura 1).

Constatou-se que 23% dos pescadores tinham filhos engajados na atividade pesqueira, sendo que 87% deles contavam com apenas um filho envolvido na atividade. O número reduzido de filhos envolvidos pode resultar do melhor nível de escolaridade dos jovens e da proximidade entre o Perequê e grandes centros urbanos, o que viabiliza a busca por empregos fora da comunidade, onde há possibilidade de renda fixa e benefícios como registro em carteira, plano de saúde e condições menos árduas de trabalho. O baixo rendimento da pesca camaroeira no litoral brasileiro nos últimos anos (IBAMA, 1997; D'INCAO *et al.*, 2002; DIAS-NETO e MARRUL-FILHO, 2003) tem contribuído para a busca por novos mercados de trabalho. Além disso, MEDEIROS *et al.* (1997) citam que a maioria dos filhos de pescadores não segue a profissão dos pais, principalmente porque a maioria dos pescadores não os querem seguindo esta profissão, alegando que a pesca é uma atividade muito sofrida e perigosa. Já os que resolvem seguir a atividade, o fazem porque desejam manter a tradição da família. FELIX (2003) registra que, diante das condições de vida e de trabalho dos pais pescadores, os filhos, ao se depararem com o modo de vida do turista, aparentemente mais atraente e promissor, acentuam o seu desinteresse em permanecer na atividade pesqueira, sinônimo de vida difícil, e se interessam cada vez mais por opções de trabalho que viabilizem mobilidade social ascendente.

Local de origem

Não se localizaram registros sobre a formação da comunidade do Perequê. No entanto, segundo ESTRELLA (2004), até o início do século XIX, a colonização de Guarujá se deu lentamente, devido à geografia da ilha, que dificultava a comunicação dentro da própria ilha. Os pequenos “vilarejos” espalhados pela ilha eram constituídos por famílias descendentes de índios e portugueses e por famílias originárias da miscigenação dessas raças, que resultou nos chamados caiçaras. Viviam basicamente da agricultura de subsistência, da caça, da pesca e da extração de mariscos e ostras.

Entre os entrevistados, 40% são naturais de Santa Catarina (Figura 1), onde já pescavam, e que vieram para São Paulo em busca de

melhores pescarias, pois a queda de produção do camarão-rosa nos litorais Sudeste e Sul (D'INCAO *et al.*, 2002) levou alguns pescadores a

tentarem a sorte na pesca do sete-barbas. Essa migração ocorreu nos anos 1960 (GONNOT *et al.*, 2006).

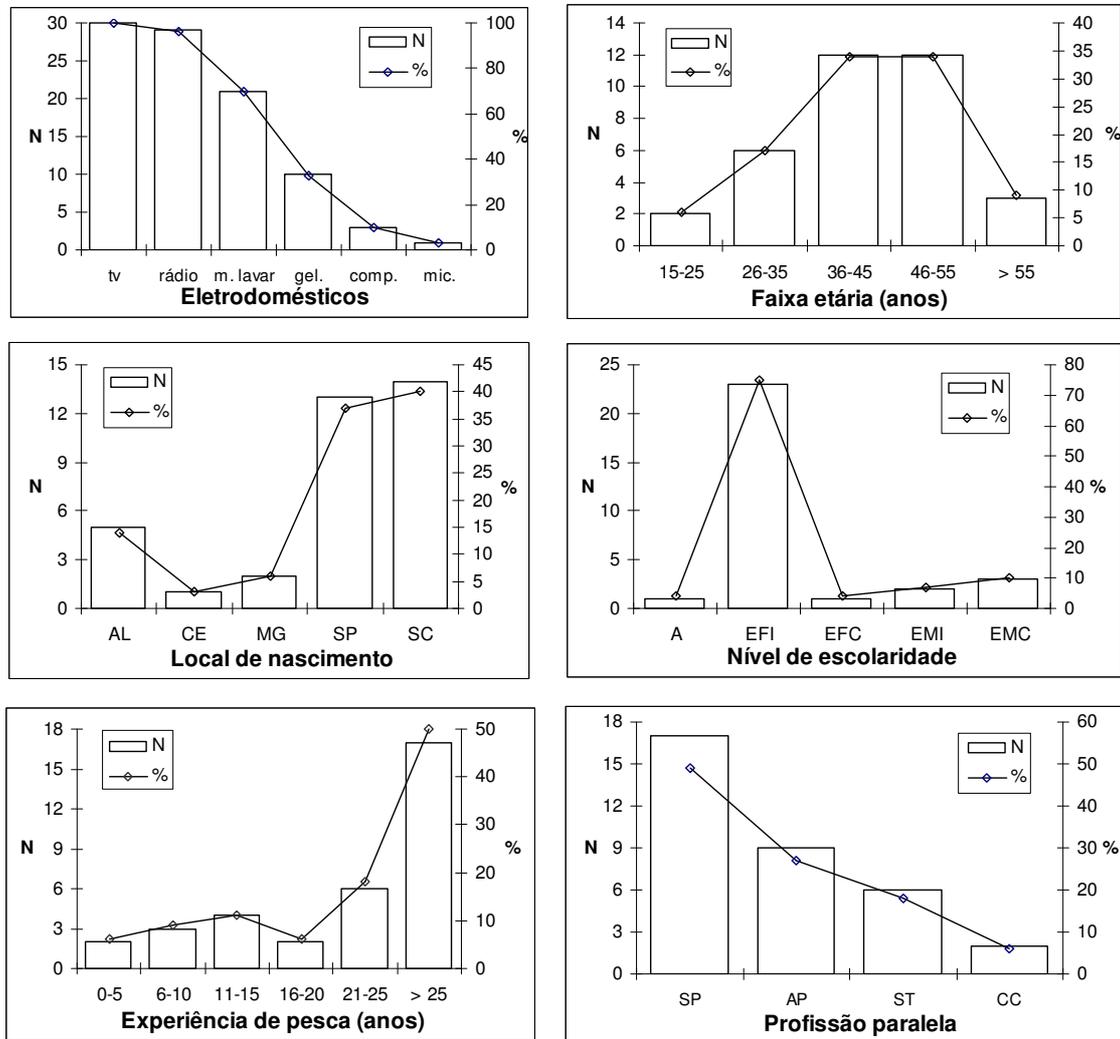


Figura 1. Distribuição de frequência (absoluta e relativa) de pescadores de camarão-sete-barbas da Praia do Perequê, Guarujá (SP), por: posse de eletrodomésticos (tv - televisão, m. lavar - máquina de lavar, gel. - geladeira, comp.- computador, mic. - micro-ondas), faixa etária, estado de nascimento, escolaridade (A - analfabeto, EFI - ensino fundamental incompleto, EFC - ensino fundamental completo, EMI - ensino médio incompleto, EMC - ensino médio completo), experiência de pesca e profissão paralela (SP - sem profissão paralela; AP - atividade relacionada à pesca; ST - serviços técnicos de mecânica, elétrica e carpintaria; CC - construção civil)

Dentre os pescadores nascidos no Estado de São Paulo, existem aqueles de famílias de pescadores tradicionais e outros que entraram na pesca como opção de trabalho, em alguns casos instalando-se sozinhos e mantendo as famílias na cidade de origem. Com o foco na pesca, essa migração para o Perequê ocorreu principalmente

pela facilidade de escoamento da produção em razão da proximidade com grandes centros urbanos, como Santos (29,8 km) e São Paulo (110 km), e pelo fluxo turístico, pois o camarão pode ser vendido diretamente para comerciantes que atendem a turistas via restaurantes, bancas de peixe etc. Além disso, a proximidade do complexo

pesqueiro Santos/Guarujá (com entrepostos de pesca, cooperativas, empresas de comercialização e industrialização de pescado, produção e reparo de petrechos de pesca, estaleiros etc.) abre uma via de comércio para o mercado interno e para outras cidades, além de criar facilidades para a manutenção de equipamentos e embarcações, e para acesso a fontes de trabalho eventual em profissões afins com a pesca.

Em outras regiões do País, não se observam concentrações tão massivas de pescadores de camarão-sete-barbas como no Sudeste e Sul do Brasil, à exceção de alguns locais no Nordeste, onde o preço de venda desse camarão, porém, é muito baixo (CARVALHO *et al.*, 2000), sendo este um fator que poderia responder pela migração de pescadores da região Nordeste para locais como Perequê.

Segundo ROMANI (2006), na segunda metade do século XX, houve uma mudança na procedência dos migrantes que passaram a vir do Nordeste e de Minas Gerais, atraídos pelo “boom” da construção civil e pela indústria do turismo doméstico, instalando-se na periferia do Guarujá, em áreas de mangue, de mata atlântica, em morros e leito de rios (palafitas), proliferando assim grandes conglomerados de favelas. Dos anos 1980 em diante, a ocupação foi feita por pessoas desempregadas da região, que se instalaram no Perequê para fugir do aluguel, contribuindo para a descaracterização da comunidade pesqueira tradicional.

A história de ocupação do Perequê, a falta de identidade cultural dos migrantes com o espaço/comunidade, a interação com os pescadores tradicionais nascidos na região e a acentuada competição pelo mesmo recurso contribuíram para aumentar os conflitos sociais, mormente entre os pescadores. Além disso, como afirmado por ESTRELLA (2004), o aprofundamento da miséria e da pobreza, a violência, a desigualdade social, a crescente degradação ambiental, o desemprego agravado pela baixa frequência de turistas fora do período de férias, o grande número de postos de trabalho informal e a baixa escolaridade da população, também são problemas que afetam a comunidade de pescadores do Perequê.

Escolaridade

O nível de escolaridade foi maior entre os mais jovens. A idade média observada para

pescadores com Ensino Médio completo foi 38 anos (desvio padrão de $\pm 8,2$) e para pescadores com Ensino Fundamental incompleto foi 43,4 anos ($\pm 7,4$), conjunto este que abrangeu 75% dos pescadores (Figura 1). O percentual foi próximo ao apurado para os pescadores dedicados à pesca de pequeno porte no Brasil: 74,5%, de acordo com relatório da SEAP (2006). Este mesmo relatório revelou para o Estado de São Paulo o seguinte: 3,2% de pescadores analfabetos (A); 67,1% com Ensino Fundamental incompleto (EFI); 11,4% com Ensino Fundamental completo (EFC); 5,9% com Ensino Médio incompleto (EMI) e 10,6% com Ensino Médio completo (EMC). Os percentuais para A, EMI e EMC foram próximos aos obtidos para o Perequê (4%, 7% e 10%, respectivamente), enquanto os percentuais para EFI e EFC (76% e 4% para o Perequê) foram diferentes. Nos dois casos, o número de pescadores com Ensino Médio completo foi maior que o dos que não concluíram esse ciclo escolar, embora o percentual dos que atingiram esse nível de escolaridade tenha sido apenas 10%.

Tais resultados corroboraram a observação de DIAS-NETO e MARRUL-FILHO (2003) de a pesca ser uma atividade capaz de absorver mais a mão-de-obra de baixa ou nenhuma escolaridade, seja de origem urbana ou rural. Em alguns casos, é a única oportunidade de trabalho para indivíduos nessa condição. DIEGUES (1983), porém, comenta que o domínio da arte exige qualidades físicas e intelectuais dos pescadores, aprimoradas no exercício da atividade.

Para BAIL e BRANCO (2007), há consenso entre os pescadores de camarão-sete-barbas da Penha (SC) que níveis de instrução mais elevados são necessários para a obtenção de trabalho mais rentável, ainda que 76,4% dos entrevistados naquele estudo pretendessem continuar na profissão.

A escolaridade dos pescadores é um fator a se considerar quando da elaboração de políticas públicas e, principalmente, quando se buscam alternativas de mercado de trabalho para esses profissionais. A baixa escolaridade pode dificultar a realização de cursos de capacitação técnica e o apoio à pesquisa científica, e também compromete a organização dos pescadores dificultando a criação de associações para reivindicação de direitos, acesso ao crédito etc.

Experiência de pesca

Grande parte dos pescadores do Perequê aprendeu a pescar com seus pais (68%) e outros familiares (16%), com área preferencial de pesca entre Bertioga e o Farol da Moela (defronte a Baía de Santos). Foram encontrados pescadores bastante experientes, 68% com mais de 20 anos na atividade (Figura 1), moda de 28 anos, média de 25 anos ($\pm 11,8$). RAMIRES *et al.* (2007), em trabalho com comunidades de pescadores de Iguape, Cananéia e Ilha Comprida encontraram experiência média de pesca similar nas comunidades caiçaras de Pedrinhas (24 anos), em Iguape, e de Carijó (26 anos), em Cananéia.

Apenas 6% dos entrevistados possuíam menos de cinco anos de experiência, mostrando que a dinâmica de renovação é lenta. Observa-se o “envelhecimento” dos pescadores no Perequê, ou seja, sem uma importante renovação nos últimos 10 anos. No entanto, como a pesca continua sendo a opção mais próxima para auferir alguma renda, parte dos filhos e familiares acaba atuando, nem sempre continuamente, na profissão dos pais, dando sobrevida à pesca como tradição caiçara passada de pai para filho (DIEGUES, 2004).

Pesca e comercialização do camarão-sete-barbas

No Perequê, 68% dos pescadores entrevistados eram proprietários da embarcação e 32% apenas tripulantes. SANTOS *et al.* (1995) citaram que 82% dos pescadores de águas continentais do Estado de São Paulo entrevistados possuíam embarcação. Esses dados mostram que na pesca de pequeno porte, tanto continental quanto marinha, os proprietários dos meios de produção também eram os pescadores.

DIEGUES (1983) afirma que a pesca artesanal ou de pequena escala parte de um processo de trabalho baseado na unidade familiar, ou no grupo de vizinhança, no qual os produtores são proprietários de seus meios de produção (redes, anzóis etc.). Segundo este autor, o pescador que não é proprietário da embarcação pode pagar pelo uso com parte do que produz, num acerto que se assemelha ao pagamento pela terra pelo agricultor meeiro. Um dado interessante com relação à propriedade do meio de produção é que a maioria dos pescadores catarinenses entrevistados (77%) possuía embarcação e apenas metade dos pescadores paulistas as possuíam. Isto

provavelmente decorre de a maioria dos catarinenses haver migrado exclusivamente para a pesca. Já no grupo composto por pescadores de outras procedências, que inclui paulistas que não nasceram na região, constatou-se que migraram para o litoral de São Paulo por outras razões, como o trabalho na construção civil, por exemplo. Existem também pescadores que tiveram embarcações, mas que com a chegada dos catarinenses optaram por vender seus barcos e hoje trabalham como tripulantes.

ESTRELLA (2004) observou que no Perequê não havia atracadouros, exigindo a utilização de “chatinhas”, pequenas embarcações a remo, para transporte de pescadores, materiais e pescado da praia até os barcos e vice-versa. Neste estudo verificou-se que a situação persistia, sendo a infraestrutura para a pesca praticamente inexistente.

Em relação à comercialização, 93% dos entrevistados disseram vender a produção diretamente para “salgas”, que são empreendimentos que processam o camarão com tecnologia mínima, mas suficiente para aumentar a vida útil do produto. Os 7% restantes vendiam para intermediários que revendiam no CEAGESP ou para restaurantes fora da praia do Perequê. Portanto, as salgas assumem um papel importante na dinâmica econômica da comunidade, onde muitas famílias dependem exclusivamente da remuneração oferecida por essas unidades de processamento. Esta dependência decorre da baixa capacidade de negociação dos pescadores junto a outros compradores, resultante sobretudo da desorganização da classe.

A maioria (94%) disse aproveitar a fauna acompanhante, denominada “misturinha”: peixes de porte médio, crustáceos (como os siris) e alguns moluscos, descartando peixes de pequeno porte e outros grupos zoológicos sem valor comercial. Parte dessa fauna acompanhante tem valor social, pois é oferecida aos moradores mais carentes, principalmente os que auxiliam na limpeza de peixes. De acordo com GRAÇA LOPES *et al.* (2002), os peixes grandes geralmente eram utilizados para consumo dos próprios pescadores.

Segundo VIANNA (2001), devido à diminuição na produção de camarões nos litorais Sudeste e Sul do Brasil, os pescadores passaram a comercializar a fauna acompanhante para melhorar

o resultado financeiro da atividade, transformando a pesca camaroeira de mono em multiespecífica.

Renda familiar e profissão paralela

Para 59% dos entrevistados, a única fonte de renda familiar era a atividade pesqueira, que engloba, além da pesca, atividade dos familiares em algum elo dessa cadeia produtiva, como limpeza e beneficiamento de camarão ou em bancas de peixe.

Menos da metade (49%) dos pescadores disseram ter a pesca como única profissão e 27% disseram também atuar, complementarmente, em atividades informais relacionadas à pesca: fretes de barco para pescadores esportivos, restaurantes de frutos do mar, pintura de barcos, entre outros (Figura 1). RAMIRES *et al.* (2007) também encontraram como principais atividades de complementação de renda as atividades relacionadas com o turismo, com o comércio (bares, restaurantes, pousadas) e aluguel de barcos para passeio e pesca esportiva.

Quanto a novas alternativas de renda, mais da metade dos pescadores (59%) disseram se interessar pelo cultivo de organismos marinhos, principalmente marisco (mexilhão). Os demais, no entanto, não se interessavam por nenhum cultivo, assim como apenas 35% dos entrevistados se interessavam por participar de cursos de capacitação, que poderiam viabilizar a conquista de novos postos de trabalho. A capacitação de pescadores por meio de cursos para empreendimentos em cultivos marinhos seria umas das alternativas para a redução do esforço de pesca sobre os recursos em exploração. Viabilizar a saída de parte do contingente de pescadores dessa pesca aumentaria as possibilidades de ganho dos remanescentes. Entretanto, por não haver muito interesse dos pescadores, esta não parece ser a melhor alternativa para a comunidade.

Porém, pode-se propor outras alternativas para a melhoria da pesca camaroeira e das condições de vida dos pescadores: estímulo ao turismo, aumentando o público dos restaurantes que servem o camarão fresco e o público que se utiliza de fretes de embarcações para a pesca recreativa; implantação de outras tecnologias de beneficiamento do camarão a fim de agregar valor à produção; melhoria nos serviços de assistência aos pescadores (jurídica, médica); apoio de órgãos públicos para a formação de cooperativas.

CONCLUSÕES

Com o passar dos anos, a contínua baixa produtividade do recurso tem levado à perda progressiva da tradição caiçara ligada à pesca do sete-barbas, uma vez que poucos filhos de pescadores têm continuado na atividade, e parte dos pescadores já possuem profissão paralela para complementação de renda.

Os problemas sociais e ambientais decorrentes da concentração populacional e do processo de favelização do entorno da praia do Perequê, misturaram-se aos problemas da pesca e agravaram as condições de vida dos pescadores e suas famílias. Assim, os pescadores do Perequê somaram-se aos necessitados por orientação trabalhista, por assistência em saúde, por saneamento básico e infra-estrutura habitacional.

É necessário que existam profissionais da área de extensão pesqueira atuando no suporte à sustentabilidade da pesca do camarão-sete-barbas na região do Perequê, promovendo a valorização e organização do pescador tradicional por meio de ações participativas, com o envolvimento de toda a cadeia produtiva.

AGRADECIMENTOS

Aos pescadores de camarão-sete-barbas da comunidade de Perequê, que aceitaram ser entrevistados, viabilizando este artigo.

REFERÊNCIAS

- BAIL, G.C. e BRANCO, J.O. 2007 Artisanal Fishery of sea-bob-shrimp: a socioeconomic characterization in the Penha, SC. *Brazilian Journal of Aquatic Science and Technology*, Santa Catarina, 11(2): 25-32.
- BAILEY, K.D. 1982 *Methods of Social Research*. New York: The Free Press. 439p.
- CARVALHO, R.C.A.; OLIVEIRA, M.Y.S.; CAMPOS, L.M.A.; FREITAS, S.W.; SILVA, E.C.S. 2000 Análise de custo e rentabilidade da captura e beneficiamento de camarão, Estados de Pernambuco e Alagoas, Nordeste do Brasil. *Boletim Técnico-Científico, CEPENE*, Pernambuco, 8(1): 279-296.
- DIAS-NETO, J. e MARRUL-FILHO, S. 2003 *Síntese da Situação da Pesca Extrativa Marinha no Brasil*.

- Brasília: IBAMA, 53p. Disponível em: <<http://www.Ibama.gov.br.html>> Acesso em: 06 nov. 2006.
- DIEGUES, A.C. 1983 *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática. 287p.
- DIEGUES, A.C. 1988 *Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras*. São Paulo: NUPAUB-USP. 22p.
- DIEGUES, A.C. 2004 *A pesca construindo sociedades: Leituras em antropologia marítima e pesqueira*. São Paulo: NUPAUB/USP. 315p.
- D'INCAO, F.; VALENTINI, H.; RODRIGUES, L.F. 2002 Avaliação da pesca de camarões nas regiões Sudeste e Sul do Brasil 1965-1999. *Revista Atlântica*, Rio Grande, 24(2): 103-116.
- ESTRELLA, A.C. 2004 *Ekos da vida: estudos sobre a comunidade do Perequê*. São Paulo. 134p. (Dissertação de mestrado. Pós-graduação em assistência social, PUC-SP).
- FELIX, S.A. 2003 Impactos das atividades turísticas sobre a vida dos pescadores profissionais do São Francisco. In: GODINHO, H.P. e GODINHO, A.L. *Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais*. Belo Horizonte: PUC Minas. p.447-458.
- GONNOT, C.; SILVA, N.J.R.; FAGUNDES, L.; ABESSA, D.M.S.; FOTENELLE G. 2006 A Gestão da Zona Costeira do Perequê, Guarujá (SP): Como atuar em um sistema complexo? In: ENCONTRO NACIONAL DE GERENCIAMENTO COSTEIRO, Florianópolis, 27-29/ nov. /2006. *Anais...* 4p.
- GRAÇA LOPES, R. da; TOMÁS, A.R.G.; TUTUI, S.L. dos S.; SEVERINO-RODRIGUES, E.; PUZZI, A. 2002 A fauna acompanhante da pesca camaroneira no litoral do Estado de São Paulo. *Boletim do Instituto de Pesca*, São Paulo, 28(2): 173-188.
- GRAÇA LOPES, R. da; SANTOS, E.P. dos; SEVERINO-RODRIGUES, E.; BRAGA, F.M. de S.; PUZZI, A. 2007 Aportes ao conhecimento da biologia e da pesca do camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri* Heller, 1862) no litoral do Estado de São Paulo, Brasil. *Boletim do Instituto de Pesca*, São Paulo, 33(1): 63-84.
- IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 1997 Plano de Ordenamento da Pesca de Camarões Sudeste e Sul. IBAMA/DIREC/DEPAQ, Itajaí, 23-27/jun./1997. *Relatório da oficina de planejamento*. 24p.
- MEDEIROS, R.P.; POLETTE, M.; VIZINHO, S.C.; MACEDO, C.X.; BORGES, J.C. 1997 Diagnóstico sócio-econômico e cultural nas comunidades de pesqueiras artesanais do Litoral Centro-Norte do Estado de Santa-Catarina. *Notas Técnicas FACIMAR, Itajaí, 1: 33-42*.
- MEDEIROS, R.P. 2002 *Estratégias de pesca e uso dos recursos em uma comunidade de pescadores artesanais da praia do Pantano do Sul (Florianópolis, Santa Catarina)*. Campinas. 113p. (Dissertação de Mestrado em Ecologia, Unicamp).
- MINAYO, M.C.S. 2004 *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec. 269p.
- RAMIRES, M.; MOLINA, S.M.G.; HANAZAKI, N. 2007 Etnoecologia caiçara: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca. *Revista Biotemas*, Santa Catarina, 20(1): 101-113.
- ROMANI, C. 2006 O mar não tá pra peixe. Conflitos sócio-ambientais na Baixada Santista. *Reflexões em Ciências Humanas*, Guarujá, 8: 13-85.
- SANTOS, R.A. dos; CAMARA, J.J.C. da; CAMPOS, E.C.; VERMULM-JUNIOR, H.; GIAMAS, M.T.D. 1995 Considerações sobre a pesca profissional e a produção pesqueira em águas continentais do Estado de São Paulo. *Boletim Técnico do Instituto de Pesca*, São Paulo, 19: 32p.
- SEAP - Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca 2006 Resultados do cadastramento nacional dos pescadores do Brasil. Brasília. 103p. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/seap.html>> Acesso em: 25 ago. 2007.
- SOUZA, K.M. 2005 *Considerações sobre a aplicação do defeso dos camarões no Sudeste e Sul do Brasil o impacto sócio-econômico do mesmo na comunidade de pescadores da Praia do Perequê, Guarujá, Estado de São Paulo*. Santos. 73p. (Trabalho para a obtenção do título de Bacharel em

Ciências Biológicas. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Unisanta).

VIANNA, M. 2001 Camarão: pescado, objetivo ou captura acessória? Sugestões para o gerenciamento da pescaria. *Notas Técnicas da FACIMAR*, Itajaí, 5: 47-49.

WALTER, T. 2000 *Ecologia da pesca artesanal no Lago Paranoá, Brasília - DF*. São Carlos. 234p. (Dissertação de Mestrado. Escola de Engenharia de São Carlos, USP).

ANEXO 1: Questionário utilizado nas entrevistas com os pescadores

1. Idade: () 15-25 anos () 26-35 anos () 36-45 anos () 46-55 anos () acima de 55 anos.
2. Local de nascimento:
3. Escolaridade: () Analfabeto; Primário: () completo, () incompleto; Ensino fundamental: () completo () incompleto; Ensino médio: () completo () incompleto; Curso universitário: () completo, () incompleto.
4. Local de residência atual: () Guarujá () Outro
5. Possui habitação () própria () alugada () outra situação
6. A casa onde mora é de () alvenaria () madeira () outro:
7. Quais dos seguintes eletrodomésticos existem na sua casa?
() rádio () televisão () máquina de costura () máquina de lavar () computador Outro(s):
8. Possui algum veículo pessoal de transporte? () automóvel () motocicleta. Outro(s):
9. Há quanto tempo trabalha na atividade pesqueira? () até 5 anos () 6 - 10 anos () 11-15 anos () 16-20 anos () acima de 20 anos.
E na região?
10. Como, quando e por que começou na atividade pesqueira? Alguém o orientou? Como aprendeu a pescar?
11. Exerce alguma profissão paralela à pesca? () não () sim. Qual?
12. Local preferencial de pesca:
13. Que tipo de pesca realiza além da camaroeira? () pesca de linha () pesca com rede de espera () cerco fixo () mista () outra:
14. Quantas pessoas há na sua família e quantas estão envolvidas na pesca?
15. A pesca é a única renda familiar? () sim () não. Qual(is) a(s) outra(s) fonte(s) de renda? () aposentadoria () comércio de pescado () aluguel de embarcação/fretes () barraca na praia () outra
16. A pesca contribui com que parte da renda familiar? () menos da metade () metade () mais da metade () toda a renda.
17. Se fosse mudar de espécie alvo, em que tipo de pesca gostaria de atuar?
18. Você aproveita os animais que captura junto com o camarão-sete-barbas? () não () sim. () outros crustáceos () peixes () moluscos.
19. O pescado desembarcado é entregue na mão de () familiares ou de () não familiares?
20. A produção vai para () intermediários () para comerciantes/restaurantes locais () direto ao consumidor de passagem.
21. Possui embarcação própria? () sim () não. Gostaria de possuir a sua própria embarcação? () sim () não. Por quê?
22. O camarão desembarcado recebe algum processamento? () não () sim Qual? () descascado () congelado () outro
23. Você gostaria de tocar algum empreendimento de cultivo marinho? () não () sim. Qual?
24. Você gostaria de fazer algum curso de aperfeiçoamento profissional ligado à pesca ou a outra área profissional durante o defeso? () não () sim. Qual?
25. O que acredita que poderia ser feito para melhorar a pesca?